

Não pensem nem por um minuto tirar o que é meu: se durante anos roí os ossos desta família a emendar as trapalhadas do meu pai e a pôr rédea curta aos caprichos da minha mãe é mais que justo comer o pedaço de carne que talvez sobre depois das hipotecas e das dívidas e viver decentemente como na época em que a minha irmã Beatriz, que toma conta da minha mãe e os maridos deixaram, de volta do meu pai

— Leve-me a passear consigo leve-me a passear consigo empoleirando-se no selim, casou grávida era eu miúdo,

lembro-me da minha mãe a mostrar-lhe não sei quê na roupa

— Que é isto?

de aproximar-me para ver o que seria isto e a minha mãe afastando a roupa

— Sai daqui Francisco

lembro-me do meu pai à mesa nesse dia, a gravata ora larga ora estreita conforme respirava e nunca vi ninguém, mesmo os potros depois de correrem muito, respirar com tanta força, a minha irmã Beatriz e a colher dentro da sopa as duas, isto não na quinta, na casa de Lisboa, o meu pai deixou o guardanapo na toalha e desapareceu no alpendre, a minha mãe quis levantar-se e em lugar de levantar-se aumentou no assento, os meus irmãos calados

— Mãe

eu calado igualmente

— Deixe-se de fitas acalme-se

(quase tudo se passa em silêncio na vida, mesmo os gritos)

nunca gostámos um do outro pois não, porque diabo me teve antes de tantos filhos que é melhor não pensarem nem por um minuto em tirar o que é meu, roí os ossos da família a namorar credores, a convencer ganadeiros, a disfarçar disparates puxando

o lençol daqui e dali de maneira a diminuir os rasgões do colchão que toda a gente notava, a minha mãe se lhe exibia facturas

— Faz o que te apetecer estou cansada

isto é trabalha, esfalfa-te, mente-me desde que me deixes em paz, a censurar o chapéu do meu pai no bengaleiro

— Não tinhas o direito de abandonar-me com duas casas às costas

ele que sempre a abandonou senhora, o que se ralava consigo, o meu mal é que oiço as pessoas pensar, emudecem e oiço-as, no casamento da minha irmã deram-me dois copos de vinho e o soalho entortou-se, ao conseguir uma espécie de equilíbrio entortou-se ao contrário, empastelei

— Pára

e ele surdo, o que comi rãs vivas no estômago a coaxarem bolhinhas, um cavalheiro alarmado

— O garoto vai vomitar

ainda hoje, mesmo sem beber para que os soalhos calmos, não uma rã inteira, um esboço de rã, o médico

— Não se preocupe são gases

e eu a saber que é um bicho, nós no casamento e o meu pai na quinta de cadela aos pés, uma rafeira para as perdizes e as lebres, imobilizava-se de pata no ar em atitude de arranque, nem uma vibração até ao disparo da espingarda e com o disparo a pata viva, o meu pai sem companhia na quinta a recusar o almoço, a Mercília trouxe o tabuleiro, demorou um instante a fitá-lo e levou o tabuleiro, talvez a única criatura que não detestei por completo, não disse que gostava, disse que não detestei por completo

— Criei-os a todos

comigo a dar-lhe as costas

— Para o resultado que tiveste mais valia matar-nos a Mercília a sentença habitual

— Deus não o fez com alma menino

e por sorte não me fez com alma, se o fizesse tornava-me um inútil como os outros e nem dinheiro para comer tínhamos, o meu pai enxotou a rafeira

— És cabra como a minha filha

a cabra que ele deixava agarrar-se-lhe ao cinto na garupa do cavalo, uma ocasião, ainda nem sabia ler, pedi

— Leve-me um bocadinho

---

e ele dando esporas ao bicho a afastar-se, a Mercília pegou-me ao colo

— Não se importe menino

eu, que não chorei uma lágrima, esperneei até me soltar no chão e a Mercília surpreendida

— Quer bater-me menino?

(será que também ouvia as pessoas pensar?)

não o estorvo de hoje que desconheço o motivo de continuar aqui

(mal a minha mãe falecer corro com ela)

com uma bengala em cada punho, a tropeçar para a direita e para a esquerda perguntando sem fôlego

— Continua a querer bater-me menino?

não servindo salvo para enfiar as gengivas nos restos da panela numa cadeira com o assento estragado que desencantou não sei onde, o mesmo avental desde o princípio e chinelos que a minha mãe deitou fora, quando a minha irmã Beatriz visitava a quinta com o marido o meu pai saía a acompanhar o gado para não a ver, notava-o ao longe, até o automóvel se ir embora, em manobras rancorosas que desorientavam os bichos, a minha irmã Beatriz com a minha mãe no quarto da costura emudecendo mal eu chegava, o marido por ali a verificar as terrinas procurando-lhes a marca na base, se me ouvisse pensar percebia

— O que viu ela em ti?

e o filho de gatas com o carro de bombeiros que me ofereceram num Natal antigo, lá estava a escada que o óxido paralisou e a pintura com riscos, tirei o carro à criança como qualquer pessoa faria

— Onde desencantaste o carro?

a certificar-me se as portas continuavam a abrir e a sereia funcionava, não imaginem nem por um minuto roubar o que é meu, larga o Natal que me pertence, some-te, a sereia não funcionava, as portas não abriam e o meu pai não me levava atrás dos toiros, pergunto o que me aconteceu de bom até hoje e nisto dei comigo a lembrar-me dos insectos que passeavam à superfície do ribeiro e eu parvo a espreitá-los, eis a maravilha que consegui, agachar-me numa pedra a contemplar insectos, a minha irmã Beatriz para a minha mãe

— O Francisco roubou o brinquedo ao miúdo

---

e aposto que dali a pouco ia ter com a Mercília a queixar-se de mim, a Mercília berrava-lhe ao ouvido dado que para os surdos o mundo endureceu, não eles

— Deus não o fez com alma

e que me interessa o que trago na cabeça, alma ou bielas, desde que me mantenha vivo a impedi-los de comer a carne que me pertence, séculos a roer ossos dão-me algum direito acho eu, quem negoceia, quem pede, quem assina, quem aldraba para que continuem a convencer-se que são ricos de tanto pasto, tanto animal, tanta árvore

— Roubou o brinquedo ao miúdo Mercília

e eu com os brinquedos que tive, isto é os insectos do ribeiro na ideia, a minha mãe que vai morrer

— Tu

calculo que para mim dado que não havia um instante em que não me censurasse

— Mesmo sem sair de casa consegues sujar-te

e quem apareceu até hoje que se preocupasse comigo, preocupei-me eu convosco, agradeçam-me, mal a minha mãe no cemitério não vos quero aqui, digo a um dos empregados que acompanhe a Mercília à camioneta da carreira e fique a vê-la partir não me interessa para onde desde que não lhe ponha a vista em cima, apanhava-me a comer fruta verde e zangava-se, uma tarde baixou-se de repente e abraçou-me como se fosse filho dela e não sou, a quantidade de vezes que repeti

— Não tenho pais

e não me atrevia a mexer-me nem a andar porque diante de mim, em lugar de soalho, um buraco, ninguém me tranquilizou a garantir

— Não há buraco nenhum

ninguém disse

— Vem cá

e portanto imitei a assinatura da minha mãe e dos meus irmãos e entendi-me com o notário que hesitava em, depois conto, ninguém disse

— Vem cá

disseram

— Mesmo sem sair de casa consegues sujar-te custa-me acreditar que nasceste de mim

---

e o desgosto, o desprezo, se não acreditam perguntem ao carro de bombeiros que amolguei sem querer e ele confirma ou à fruta que me transtornava a barriga e a Mercília

— Eu avisei

os insectos continuavam a correr sem destino na água como tantas vezes corri sem destino na quinta a vasculhar sob as pedras

— Hei-de encontrar um tesouro

e encontrava bagas secas, um pedaço de ferradura, lixo, porque não me consentem morar em lugares sem cólicas nem vômitos nem o médico

— Arranjaste-a bonita

nem a minha mãe a dissolver pastilhas para os intestinos num copo e a Mercília a assoar lágrimas

— Eu avisei

para diante e para trás sem descanso com os passos na minha testa a esmagarem-me e ao pensar nisso há momentos em que quase aceito que, ou seja momentos em que quase admito

não admito

não a obrigar a subir para a camioneta da carreira, oxalá te evapores num instante da quinta e de mim, ao abraçar-me eu que sou bom demais fraquejo e o que me vale é recompor-me depressa

— O Francisco roubou o brinquedo ao miúdo Mercília quando o Francisco se limitou a recuperar o que lhe pertence e o que lhe pertence são portas que não abrem e uma escada que não funciona, grande coisa, enquanto os meus irmãos bicicletas, triciclos, a minha irmã Rita, que se encostava ao peitoril a afirmar de mão no queixo que a lua lhe sorria, um pónei só dela, aqui entre nós, tirando o carro de bombeiros, assim de repente o que me deram mais, imitei a assinatura da minha mãe e dos meus irmãos e entendi-me com o notário que demorava a carimbar corrigindo a parte dos óculos que assenta no nariz com o mindinho

— Não é muito católico pois não?

de modo que tive de lhe aumentar o espírito religioso mediante a promessa do lameiro e umas casitas em Santarém onde segundo a lenda o meu avô nasceu e quase nada rendiam, o notário de volta dos óculos, receoso

---

— Não sei

baralhando páginas num gabinete acanhado onde a lua de certeza lhe não sorria, a pedir

— Com licença

a tirar um frasco e uma colher da gaveta, a engolir o xarope, de palma sob a colher protegendo a camisa, a lamber a colher, a embrulhá-la no lenço, a rolar o frasco

(não a rolar, a enroscar a tampa)

a apontar o colete

— Os pulmões

dado que as rãs dele não no estômago como as minhas, nos pulmões, fechava as pálpebras no interior dos aros e sentiam-se os animaizinhos a rasparem, imitei as assinaturas da minha família, inventei uma rubrica ao ceder-lhe o lameiro e as casas, as rãs desconfiadas

— Não parece o teu nome

e claro que não era o meu nome conforme hei-de provar mais tarde, embora não acredite que exista um mais tarde, no tribunal, ficas a amparar as gotas do xarope na palma e o médico a mandar-te vestir

— As rãs andam a comê-lo compadre

como pudeste imaginar que te entregava o que ganhei a roer ossos, o notário decidiu-se por fim chamando o ajudante, a quem prometi o lameiro também, para servir de testemunha e aplicou os carimbos comigo a invejá-lo porque se existem três coisas agradáveis na vida são cortar folhas pelo picotado, esmagar entre o polegar e o indicador num estalinho cujo som me exalta as bolhas de plástico com que se protegem os cálices nos caixotes e o acto de carimbar, volúpia sublime por se decompor em diversas fases, primeira humedecer o carimbo na almofada de tinta, segunda esmurrá-lo contra o papel numa energia feroz e por último a contemplação, ia escrever feliz e escrevo feliz, a contemplação feliz da obra acabada, o pedaço de carne que sobrar depois das hipotecas e das dívidas graças a Deus meu, reflectindo melhor talvez a lua sorria na janela do notário ao passo que espreitando do ombro da minha irmã Rita se enleava nas azinheiras, séria

— Não a vejo sorrir

e a minha irmã Rita

---

— É que não olhaste com atenção  
não a vejo sorrir mas vejo-me sorrir a mim trancando a  
pasta do notário no cofre, duas rodas com números e as jóias que  
foram da minha mãe e a partir deste momento me pertencem  
num saco, se a Mercília adivinhasse

— Deus não o fez com alma menino  
na camioneta da carreira com um chapelito de pena  
quebrada, metade da pena para cima e a outra metade a baloiçar,  
o vizinho de banco

— Onde se apeia você dona Mercília?  
e a Mercília demorando a entender, a entender, a olhar  
os troncos que caminhavam para trás, um moinho, tordos em  
cima dos choupos

— Longe  
não para o vizinho, sem dar pelo vizinho, para mim que  
não estava com ela

— Longe  
e todavia suspeito que mesmo sem alma me preferia aos  
outros dado que a condição humana é um abismo, arrelia-me a  
Páscoa com a toalha nova na mesa, velas acesas e pratinhos de  
amêndoas, a temperatura da sopa avaliada com o mínimo em  
que a língua se tornava, o mínimo a recolher de imediato para o  
interior da boca

— Queima  
vinte e três de março e o

— Tu  
a esmorecer, porque não te mexes como dantes Mercília,  
a ideia da morte da minha mãe, apesar de tudo

— Mesmo sem sair de casa consegues sujar-te custa-me  
acreditar que nasceste de mim

apesar de tudo uma ova, não nasci dela e portanto não  
minha mãe mas habituei-me a senti-la por perto e vai daí a ideia  
da sua morte incomoda-me, pega-me ao colo Mercília, emudece  
as rãs impedindo-as de me maçarem e obriga-me a dormir, por-  
quê tanto barulho nos ouvidos que me não consente escutar o  
que a Mercília diz e não é

— Deus não o fez com alma  
é

— Menino Francisco

e uma espécie de ternura, que estupidez ternura, a remexer-se em mim, a suspeita que se me pegasses ao colo aceitava mesmo que aproveitassem para me tirar o que é meu, ou seja as ruínas da casa da quinta e da casa de Lisboa depois das hipotecas, das letras, das dívidas, o que a minha irmã Ana não gastou na droga, o que o meu irmão João não gastou nos miúdos e o que o meu pai não gastou no Casino quando saía penteado, a tresandar a perfume, de casaco e gravata, anunciando à minha mãe

— Um encontro com empresários espanhóis chego amanhã

e a cara dela, nascida do tricot, a tombar um bocadinho, o perfume continuava durante horas apesar da minha mãe a arredondar as narinas

— Abre a janela Mercília que não aguento o pivete e na janela a primeira lua a sorrir, o perfume substituído pelas maçãs do pomar e os besouros que antecedem o escuro, percebiam-se os cavalos a tossirem no estábulo e oiço o tiro de há tantos anos quando a égua velha partiu uma perna, a minha mãe a poisar o tricot

— Estou tão gasta medindo as bochechas e as cortinas a dilatarem a noite dado que é através delas que as sombras respiram, se não acendessem uma luz no quarto recusava deitar-me, fitava a lâmpada no medo que a apagassem e de súbito não percebia a lâmpada e dia, o notário agarrou a pasta que eu agarrava igualmente a pensar nos carimbos

— Não vai enganar-me com o que prometeu pois não? com ganas de lhe carimbar o mata-borrão da secretária, os códigos, a barriga, as folhas amontoadas num cesto, porque será que as escadas dos cartórios quase tão gastas quanto a minha mãe, balcão gasto, máquinas de escrever gastas, uma empregada de aliança, mas viúva no coração, a conversar connosco num suspiro a desbotar tristezas e o suspiro

— Não têm piedade de mim? um relógio desacertado na parede a mentir com descarro, mesmo na gaveta o xarope enjoava-me, a colher, o lenço, as manchas secas do rótulo, em miúdo o enfermeiro supositórios e eu de barriga para baixo à espera que me chegassem à boca para os engolir, o meu pai regressava sem gravata nem perfume

e vestígios de mulher no colarinho que se percebiam porque o tricot da minha mãe suspenso, dedos demorados na cara avaliando desabamentos, quedas, tijolos que faltavam, canos onde a água presa sem subir aos olhos, notava-se que gotas à beira das pálpebras e nenhuma assomava, hoje vai falecer senhora, tenha paciência, se o enfermeiro supositórios não lhe chegassem à boca, as patas da égua velha esticadas e uma mosca a esconder-se nas narinas, a Mercília debruçou-se para a minha mãe num esforço de bengalas

— Logo à tarde

ao estocarem o toiro na primeira corrida e nós no camarote a assistirmos, os joelhos que se dobram, o corpo que se dobra sobre os joelhos, a cabeça que se dobra sobre o corpo, o meu irmão João que ia ao parque procurar rapazes com o meu dinheiro

— Quanto custas menino?

a tapar-se no braço

— Em acabando digam-me

a esposa do notário, de peruca, juntava as mãos de baton em beijo se nos via passar com a minha mãe

— Adoráveis

e a roçar-nos a testa de traços que custavam a limpar, a Mercília pedra-pomes, lixívia

— Que castigo

enquanto a esposa do notário de peruca de banda

— Adoráveis

em que se ocupariam ela e o marido ao serão, provavelmente instalavam-se no canapé como andorinhas num fio a somarem minutos que se acumulavam sem que as horas mudassem, sempre nove e meia ou um quarto para as dez, ele a olhar a peruca e ela a entender e a ajeitá-la, o notário continuando a olhar a peruca e ela a ajeitar de novo desejosa de agradar-lhe

(— Deixei de agradar-lhe não se interessa por mim)

— Não ficou bem?

(não se interessa por mim)

quando não era a peruca que lhe fazia fernicoques, há eternidades que se desinteressara da peruca e da esposa, era a ausência de nexos dos dias, o que se faz com eles, tudo tão claro dantes, tão lento, a empregada da aliança a arriscar

— Não é feliz doutor?

e o notário olhando a empregada como olhava a peruca, de uma distância que o afligia a si mesmo

— Onde estou que não sei?

desconhecendo tudo, ignorando tudo, durando sem bússola com a certeza que se passeasse na rua nem a sombra o acompanhava

(— O que aconteceu à minha sombra não mintam)

de regresso ao cartório, a seguir ao almoço, procurava-a no chão, nos edifícios, ou parte no chão e parte nos edifícios acompanhando-o e nada, experimentava um gesto na esperança que a sombra o imitasse e qual sombra, em contrapartida o pai virava uma lâmpada na direcção da parede e formava animais com os dedos, um coelho a franzir-se, um pássaro que movia as asas, outros bichos e o pai

— O que é este?

ele pasmado

— É um cão a ladrar

o buraco da órbita ora mais pequeno ora maior e os maxilares tac tac, uma cabrinha, um galo, o que o pai afirmava um tigre

— Um tigre

embora nem aquela barbicha dos tigres tivesse, aqueles dentes, o pai nascera para coelhos e pássaros, não nascera para tigres, o notário virou o candeeiro do escritório no sentido da parede, enrolou os dedos a experimentar o tigre e apenas o oval da lâmpada exibindo fissuras no reboco, a empregada a preocupar-se

— Algum problema na caliça doutor?

e o notário a virar de imediato a lâmpada na direcção da secretária em que para além dos carimbos um limpa-chaminés de pasta a troçá-lo, com vassoura, cartola e labita

— Não

o limpa-chaminés que conhecia desde pequeno no alto da lareira, havia outro boneco

(o que lhe sucedeu?)

que representava um vendedor de jornais de boné, não de peruca como a esposa, a contar moedas na palma consoante havia patos de vidro e um elefante com as orelhas abertas, tantas

coisas outrora dando nexo aos dias, a mãe a estender roupa nas traseiras serenava-o, que certeza de eternidade e que ausência de ameaças, a Mercília endireitou-se nas bengalas

— Logo à tarde

e a partir de logo à tarde não pensem um minuto em tirar-me o que é meu, se roí os ossos da família

(— Adoráveis)

a resolver trapalhadas é mais que justo pertencer-me o bocado de carne que sobra, eu para os meus irmãos mostrando-lhes os papéis do notário

— Desapareçam

e eles, que remédio, mal saídos do cemitério e já de malinha aviada, durante a cerimónia uma cotovia

(adorável)

num jazigo ou num choupo a insistir na sua nota, tivesse eu a espingarda de pressão de ar perdida não sei onde disparava e um alvoroço de folhas, será que terminamos no rectângulo que a pá abriu, será que

— Tu

ou

— Mesmo sem sair de casa consegues sujar-te custa a acreditar que nasceste de mim

sob a lousa e o que a gente cuida que deixou de ser prosseguindo noutro lugar, é isso que me assusta na morte, a hipótese do não fim do que vivemos, tudo idêntico de maneira diversa, a intensidade das emoções, as lágrimas e o riso intactos, o meu pai a prejudicar-me a herança jogando os toiros no Casino com uma bolinha a saltar numa roda de números e uma mulher que nunca vi

(não a empregada do notário nem a que visito às quartas-feiras, me segreda

— Riqueza

e mora com um galgo surdo-mudo)

apoiada no ombro

(escrevo galgo no masculino mas não reparei se macho ou fêmea visto que se escapa para a marquise de unhas a derraparem com a pressa)

em que nenhuma das filhas se apoiava, não conversava connosco, conversava com os empregados sem abrandar o ga-

lope, uma tarde pouco antes de casar-se a minha irmã Beatriz numa espécie de segredo

— Há cavalos no mar

atravessando a praia a quebrarem caniços, qual o meu nome verdadeiro sob este nome, Francisco, como me chamo de facto, me reconhecem os que ignoro quem são e me despertam sacudindo-me, procuro o interruptor e não os vejo, vejo o quarto idêntico àquele em que adormeci, roupa a pingar da cómoda, os sapatos unidos à espera acusando-me com as biqueiras

— Canalha

o relógio da mesinha num reboiço de atraso, tanta angústia nos relógios, tanta vontade de alcançar o tempo, abre-se o mecanismo e volantezitos esprenéficos a garantirem

— Vamos já vamos já

e não vinham, como consigo usar esta agonia no pulso, esta ansiedade

— Acalma-te um instante vamos já

de certeza que o sangue do braço esquerdo nervoso, a mulher das quartas-feiras

— Que rápido

satisfeita porque pensa que os volantezitos derivados a ela, no fim de contas talvez conserve a Mercília para me recordar o que fui, não por amizade, não por dó e reflectindo na ideia é melhor desistir, Deus não me fez com alma que sorte, a trabalhadeira que a alma me daria e por conseguinte a Mercília na camioneta que pára aqui às sete horas, sem bagagem visto que me pertence o que é seu, empresto-lhe as bengalas, sou bom, a Mercília de chapelito barato

(não, um chapéu antigo da minha avó com uma ou outra lantejoula que se aguenta)

consinto-lhe o chapelito com uma pena quebrada, metade da pena para cima e a outra metade a baloiçar, um vizinho atencioso

(a fragilidade dela, a idade dela, essas maçadas)

— Onde se apeia você dona Mercília?

a Mercília demorando a entender, a entender, a olhar os troncos que caminhavam para trás, um moinho, tordos em cima de choupos, paisagens de aguarela sem qualidade alguma,

compram-se nas feiras, penduram-se no corredor, esquecem-se, a Mercília não para o vizinho, sem dar pelo vizinho, para mim que não estava com ela

(que horror estar com ela)

— Longe

e todavia suspeito

(que horror estar com ela?)

que mesmo sem alma me preferia aos meus irmãos, a ideia que a palma da Mercília

(agradável, desagradável, agradável)

na minha cabeça e se calhar engano-me

(engano-me?)

estou seguro que me engano, mão alguma na minha cabeça, o meu pai

— Não estive no Casino estive a aturar um empresário

trazendo fichas nos bolsos enquanto eu roía os ossos e

a apostar no dezassete, abomino esta Páscoa, este domingo de chuva, não porão a toalha nova na mesa, não acenderão as velas, não queimo a língua com a sopa, anteontem as mulheres da vila a cantarem na igreja e os plátanos do adro uma dignidade episcopal, a minha mãe a concordar com a Mercília

— Logo à tarde

e eu danado, porquê logo à tarde, porque não para a semana, em abril ou daqui a muitos meses, tome os anos que lher na gana senhora, não se aflija, a minha irmã Beatriz

(o primeiro marido deixou-a, o segundo marido deixou-a, quem não te deixa mana?)

no quarto com a minha mãe, a consola com os medicamentos e as pagelas que a não protegem mais, o médico

— É assim

como se tivesse de ser assim, como se fosse assim, como se a morte uma condenação inevitável que asneira, eu não morro pelo menos antes de provar o bocado de carne que é meu, a mulher das quartas-feiras carregando no fechozinho do estojo sem acreditar

— Um anel para mim?

e um anel para ti calcula, um anel com uma pedra verde para ti, aproveita antes que me arrependa e come-o, não é de oiro, é da carne que me custou a ganhar, come-o, a minha irmã

Beatriz e eu à espera e chuva nos vidros ou seja lentes de aumento gordas, pergunta: quem espreitar através delas vê o quê, resposta: quem espreitar através delas vê a minha mãe que principia a desistir, as rugas de uma das bochechas mais nítidas

(— Um anel para ti come o anel depressa  
e a mulher soltando o estojo

— Que brincadeira é esta?

como se fosse uma brincadeira, não tenho paciência para brincadeiras, querias dinheiro não é verdade, aí está o dinheiro, come-o)

daqui a pouco seis horas e o estoque, oxalá encontre um intervalo de vértebras

(só se preocupam comigo pelo dinheiro, comam-no)

e uns passos ao acaso antes dos joelhos a dobrarem-se, do corpo a dobrar-se sobre os joelhos e da cabeça a dobrar-se sobre o corpo, a minha irmã Beatriz

— Não ouves?

e embora não acreditasse na minha irmã Beatriz

(continuo sem acreditar na minha irmã Beatriz, não queres comer também?)

não pude negar que mau grado o mar distante e a chuva nos caixilhos se escutavam as ondas e os cavalos galopando sobre elas

(pega-me ao colo Mercília até que eu adormeça)

não pude negar que se distinguíam as marcas na areia

(até que eu adormeça)

tão próximas que se estendesse a mão

(adormeci?)

conseguia tocar-lhes.